

## A STOA E AS QUESTÕES: DA LIBERDADE, DA NATUREZA E DA EDUCAÇÃO

*Antônio Cesar Ferreira da Silva\**

**RESUMO** — *A questão da liberdade vem sendo colocada, na história da filosofia dentro, das mais diferentes perspectivas. No estoicismo antigo, o tema da liberdade é constituído a partir da concepção de physis da stoa. Essa visão fundou os princípios que tornaram todos os homens iguais por natureza.*

**PALAVRAS-CHAVE:** *Liberdade; Cidade; Natureza.*

Para os gregos (Período Arcaico), inexistia a separação entre a comunidade e a *physis*. Não havia ainda as leis escritas. As normas, a justiça eram imanentes ao *nomos* (esse parte da *physis*). Todos os membros da Grécia arcaica viam na *physis* o horizonte fundante do viver. As atividades deste período são marcadas pela tradição e pela profunda intimidade da comunidade humana com a natureza. As leis (não-escritas) eram sempre respeitadas e temidas, pois o contrário provocaria a quebra da harmonia entre a vida humana e a *physis*. Os homens eram elementos integrados à totalidade natural. O *basileus*, membro dirigente das comunidades gregas arcaicas, era o responsável por todo o imaginário da tradição. Orientava e guiava a vida de sua comunidade, pois possuía a magia e a espiritualidade advindas do cosmo. Estava intimamente ligado às forças divinas e naturais. Essa harmonia entre a vida humana e a *physis* iria sucumbir com a desestruturação da ordem, na qual *basileus* e a própria *physis* eram referências. “Quando no século XII, antes de nossa era, o poder micênico desaba sob o ímpeto das tribos dóricas que irrompem na Grécia continental, não é uma simples

---

\*Prof. Assistente. (DEDU/UEFS). Mestre em Filosofia (PUC/SP). E-mail: ogunjafs@terra.com.br

Universidade Estadual de Feira de Santana – Dep. de Educação. Tel./Fax (75) 3224-8084 - BR 116 – KM 03, Campus - Feira de Santana/BA – CEP 44031-460. E-mail: edu@uefs.br

dinastia a sucumbir no incêndio que assola alternadamente Pilos e Micenas, é um tipo de realeza que se encontra para sempre destruída, toda uma forma de vida social, centralizada em torno do palácio, que é definitivamente abolida, um personagem, o Rei divino, que desaparece do horizonte grego”<sup>1</sup>. Ocorre um esvaziamento do poder do rei (*basileus*) na medida em que a comunidade grega arcaica constrói outras referências para substituir a *physis*. Isso vem no bojo de algumas mudanças estruturais da antiga Grécia, por exemplo: o advento da moeda, do comércio, etc. Com isso, uma nova ordem é estabelecida. É a ordem da *pólis*, com suas normas e leis. Assim, abre-se um espaço ambíguo para a interpretação da *physis*.

Na *pólis*, o poder sai do *nomos* (tendo o *basileus* como figura importante) e vai assumindo uma dimensão centralizadora. Surge a figura do cidadão. Aquele que se submeterá à nova ordem estabelecida: a ordem da cidade. Antes, o *basileus* referendava as ações, através de um *ethos* centrado nas tradições do *nomos* (tradições da oralidade). Agora, como fundamentar as ações? Onde se definirá a virtude? Surge uma insegurança no homem grego, a qual teve fundamento na separação entre *nomos* e *physis*. Há, na nova ordem, uma destruição da harmonia do mundo. As novas leis dividem os homens entre os cidadãos e os sem cidadania. Sabe-se que a tão falada cidadania grega, em especial a de Atenas, é exercida apenas por um número restrito de pessoas. São aquelas que possuem determinadas características econômicas, ou seja, que possuem escravos e propriedades. As mulheres, as crianças, os escravos e os estrangeiros não são vistos como seres de cidadania. Assim, na Grécia antiga, temos os homens livres e os não-livres. Os primeiros são responsáveis pela elaboração das leis, os outros devem seguir as determinações legais. A *pólis* democrática inaugura na Grécia Clássica, uma profunda desigualdade no seio da comunidade. Uma desigualdade entre os homens livres e os homens não-livres. Tal situação é problematizada pelos sofistas:

Se a *pólis* democrática dividiu os homens em gregos e não-gregos, ao mesmo tempo em que se amparou ética e politicamente na supressão da

desigualdade e no sentimento de *philia*, a sofística, pelo flanco oposto, questionou aquilo que permanece oculto na própria noção de igualdade: o seu oposto. Afinal, de que igualdade se trata: daquela entre os cidadãos, ou daquela que faz dos homens seres igualmente carentes?<sup>2</sup>

Em meio à crise cultural e política, surgem os antigos estóicos.

Lorsque Zénon, venant de Chypre, débarque en Grèce vers 300 av. J.-C., Athènes est toujours une brillante capitale intellectuelle mais a perdu son hégémonie politique: Alexandre le Grand est mort en 323, ses lieutenants se disputent son empire et ce III siècle, où fleurissent les anciens Stoïciens, est à l'origine d'une période d'instabilité politique dans le bassin méditerranéen, que les historiens appellent d'ordinaire l'époque hellénistique<sup>3</sup>.

Com o declínio do império macedônico, Atenas perde o seu poderio marítimo e econômico. Do ponto de vista das idéias, há uma grande disputa pela herança socrática. Politicamente, existe uma indecisão sobre o melhor caminho a seguir. As discussões travam-se sem se chegar a um ponto definido. Assim, a *pólis* grega vai dissolvendo-se. Estando a *pólis* dissolvida, a *Stoa* parte para a construção de um novo núcleo teórico, o qual deve fundamentar a vida dos homens. Esse novo núcleo teórico é diametralmente oposto ao núcleo de fundamentação da *pólis*. A partir da *pólis*, os homens ordenavam seu destino. As leis e instituições orientavam a vida cultural, política, religiosa e social de todos. Com a derrocada da *pólis*, desaparece o horizonte fundante dos homens das cidades-estados. Por isso, a *stoa* centra seu ponto de referência numa *autarquia individual*<sup>4</sup>, num novo núcleo teórico. Esse núcleo teórico deve reintegrar o homem numa nova ordem, a da *physis*.

[...] le stoïcisme – vont se proposer de donner à l'homme des critères de certitude de susceptibles de lui donner des règles de vie et d'action capables

de le réconcilier avec la nature... Zénon demande à l'homme de vivre en accord avec la nature en acquiesçant à l'ordre des événements qui expriment la volonté de Dieu, et c'est ainsi que le stoïcisme se développe comme un matérialisme et comme un rationalisme éthique.<sup>5</sup>

A partir da *autarquia individual*, o homem integra-se, em sua plenitude, à natureza. A partir daí, a *physis* balizará, de forma universal, as relações entre os homens. Com isso, caracterizar-se-á uma igualdade entre os membros do *nomos*. A interioridade do ser humano é um elemento do cosmos. Todos são partes integrantes do mundo. Por isso, todos são iguais perante a *physis*.

A *stoa* irá construir uma nova concepção de *physis*. Uma referência que fizesse frente aos delineamentos da *pólis* grega. A *physis* estoíca é racional, divina e normativa. O cosmos estoíco faz -nos pertencentes a ele. Tudo pertence ao cosmos e é cosmos.

[...] cosmos é um ser vivo, racional, animado e inteligente, um ser vivo no sentido de que o cosmos é uma substância animada, dotada de faculdade de percepção sensível. O ser vivo é superior ao ser sem vida; nada é superior ao cosmos; logo, o cosmos é um ser vivo. O cosmos é animado, e isso se evidencia diante do fato de nossas próprias almas serem cada uma um fragmento dele.<sup>6</sup>

Tal delineamento permite-nos concluir que, se somos todos fragmentos do cosmos, segundo relata-nos Diôgenes Laértios; podemos almejar a uma nova configuração do social e do político, uma configuração que vislumbra relações sociais, políticas, econômicas, religiosas e culturais a partir de um pólo igualitário, portanto, antagonicamente oposta às dimensões da vida na *pólis*. A *pólis* vinha marcada por um referencial não-igualitário, que dicotomizava a relação entre os homens, e desses, com o cosmos. A filosofia platônica e a aristotélica, por pertencerem à *pólis*, são marcadas pela hierarquização. A

*pólis*, ponto culminante da separação entre *nomos* e *physis*, distinguia os seres, os homens entre superiores e inferiores. Entre aqueles que tinham o poder para controlar as instituições e as leis e os que se submetiam às mesmas. Tudo seguia um ordenamento universal. Vejamos o comentário de Corbisier :

De acordo com uma lei universal da natureza, há seres superiores, feitos para comandar, e seres inferiores, feitos para obedecer. Além de necessárias, a autoridade e a subordinação são coisas úteis. Assim como a alma deve governar o corpo, e o intelecto o desejo, porque a alma é superior ao corpo e o intelecto ao desejo, assim também o macho é por natureza, superior e a fêmea inferior, e o primeiro é o elemento dominador e a segunda o elemento dominado. A mesma regra se aplica às relações do senhor e do escravo,[...]7

Com a *stoa*, inaugurou-se uma nova leitura do social e do político. A *stoa* integrou as noções de *nomos* e *physis*, separados pela cultura da Grécia Clássica. Para a filosofia do pórtico, existia uma unidade entre *nomos* e *physis*, entre a ordem dos homens e a da natureza. É da natureza que tudo advém. O homem não é mais do que um pequeno fragmento do cosmos. Tudo está numa perfeita harmonia. Os homens, ao tentarem ordenar sua vida coletiva, devem orientar-se pelas leis e pelo princípio ordenador do cosmos. Ao tentar separar a dinâmica social da dinâmica do cosmos, o homem apenas conseguiu desordem e destruição. A unidade faz-se pela idéia que se tem do todo universal integrado (o todo da *physis*). As cidades, os homens não são elementos apartados da natureza, mas, integrados à mesma. Observemos o que nos diz Diôgenes Laêrtios:

Por isso, o fim supremo pode ser definido como viver segundo a natureza, ou, em outras palavras, de acordo com nossa própria natureza e com a natureza do universo, uma vida em que nos abstermos de todas as ações proibidas pela lei comum a todos, idêntica à reta razão difundida por todo o universo e idêntica ao próprio Zeus, guia e

comandante de tudo que existe. E nisso consiste a excelência do homem feliz, e consiste o curso suave da vida, quando todas as ações praticadas promovem a harmonia entre o espírito existente em cada um de nós e a vontade do ordenador do universo.<sup>8</sup>

Agora, não se pode considerar uma vida humana longe da harmonia da *physis*. As leis da *physis* são também as leis do mundo humano. Os homens, ao compreenderem as leis universais (leis do cosmos), estarão adentrando nas verdadeiras leis do viver. Os homens perceberão sua própria natureza, sua identidade com a *physis*. Assim, a *stoa* sugere a superação das leis da *pólis*. Está baseada apenas nos princípios da ordem humana.

A proposta estoíca é radical, pois subverterá esses valores. Propõe um novo jeito de ser no mundo. Daí, pouco compreensível para os seus contemporâneos. Anuncia-se a possibilidade de elaboração de uma nova ética, de uma nova política. Temos uma articulação entre a cidadania e o cosmos. Essa cidadania não é partilhada apenas por um grupo ou facção do *nomos*, mas por todos os seus membros, por todos aqueles que habitam o cosmos, o mundo. Agora surge o cidadão do mundo, o homem cosmopolita. Para compreendermos a nova concepção de *pólis* (*cosmopólis*) e *physis*, temos que compreender como os estoícos encaram a relação entre *physis*, ética e lógica. A articulação da filosofia estoíca, nestas três dimensões, aponta para uma perspectiva de *physis* racional e normativa das ações tidas como as mais indicadas para serem seguidas, ações em conformidade com o logos. Temos, na postura estoíca, uma razão e um logos que encontram na *physis* seu horizonte fontal. Também se conclui que o mesmo logos que orienta nossa razão e nossas ações é aquele que se faz presente no mundo. Observemos o seguinte texto:

Indissoluvelmente integrados a Física, a Ética e a Lógica, o Pórtico deixa supor que as afirmações físicas têm sua necessária expressão ética, bem como lógica. A organicidade das três partes da filosofia obriga o intérprete a buscar as ressonâncias de uma *physis* normativa e racional nas ações que

o Pórtico considera corretas, em acordo com o logos: ao mesmo tempo, as proposições lógicas que fortificam a razão humana têm seu solo na ordem da *physis*, têm o mesmo movimento do logos plenamente presente no mundo<sup>9</sup>.

É no cosmos que o homem se realiza plenamente. Através do destino, daquilo que é inerente à dinâmica da vida e do mundo, a vida humana encontrará o seu virtuosismo, a sua liberdade. Ao contrário da *physis* arcaica, a *physis* estoica não distancia os deuses do mundo humano. Portanto, aderir à *physis* é envolver-se com o virtuosismo. Todos os valores e princípios, que nortearão a vida dos homens, são permeados organicamente pela totalidade da *physis*. Todos os homens têm a potencialidade da virtude, pois todos são iguais por natureza. Para isso, os homens têm de se voltar para sua interioridade; haja vista que a *pólis*, referência fundamental para a vida do homem grego, se dissolvera. A interioridade de todos os homens está alicerçada na universalidade cósmica. Verifiquemos o seguinte trecho: *Por natureza, conforme a qual devemos viver, Crísipos entende tanto a natureza universal como a natureza humana em sua própria individualidade, [...]*<sup>10</sup>. Temos um indivíduo universal, pois em conformidade com a natureza. Indivíduo que está para além do seu interior, mas que não poderia alcançar a vida universal, sem antes voltar-se para si próprio. Todos aqueles que não aderirem a essa perspectiva estarão quebrando a ordem da *physis*, a ordem que estabelece a igualdade de todos, estarão envolvidos pelas paixões. Assim, não se poderá construir uma nova *pólis*.

A nova *pólis* rompe com os limites geográficos, impostos na antiga *pólis*, e inaugura a *cosmopólis*, onde as barreiras geográficas e humanas devem ser rompidas. Não há separação entre o que existe. Essa perspectiva insere-se na nova concepção de *physis* efetivada pela *stoa*. Natureza cósmica e natureza humana estão intimamente relacionadas. O ato de respirar, de pensar e de agir do homem é possibilitado pela *physis*. Tudo está misturado. O humano e o divino fazem parte de uma mesma unidade. Inexiste a perspectiva que separa os homens do mundo e de outros homens. A forma como os homens, na

*stoa*, encaram sua relação com o cosmos, incidirá sobre o tipo de política e organização das diversas instituições. A cidade estóica é um todo harmonioso, é o próprio mundo. As leis que regem os homens são as mesmas que regem a *physis*. Como todos são iguais por natureza, deixa de existir a opressão, historicamente administrada pelas diversas formas de governo. Essas formas são as seguintes: monarquia, aristocracia e república. Todas incapazes de dar ao homem uma vida plena de sentido. Para Aristóteles, essas formas compreendiam as possíveis diretrizes administrativas da *pólis*. O problema surgiria, nessas formas de governo, quando as mesmas sofressem alguns desvios. Vejamos o que comenta Corbisier:

Quanto às formas de governo, Aristóteles distingue as de tipo monárquico, chamando de realeza a que leva em conta o interesse comum; aristocracia, assim chamada porque consiste no governo dos melhores (areté em grego quer dizer virtude), tendo em vista o maior bem da cidade; e a república, quando a multidão governa, tendo em vista a utilidade comum. Essas formas de governo sofrem desvios, ou se corrompem, a realeza em tirania, a aristocracia em oligarquia e a república em democracia<sup>11</sup> .

Aristóteles olha para as diversas formas de governo como se fosse médico. Seu pai fora médico, daí tratar os sistemas de governo como pacientes. Para cada sistema doente, ele irá indicar um remédio específico. Estes remédios são seis categorias. Todas, de um modo geral, tentam preservar as formas de governo e suas instituições<sup>12</sup>. Não rompe com tais formas. Numa via contrária, encontram-se os estóicos. Esses radicalizam com uma ruptura com tais governos e suas respectivas constituições. Essas formas de governo são parciais, pois limitadas às fronteiras da *pólis*. Não conseguem vislumbrar as verdadeiras leis. A *stoa* indica uma nova perspectiva governamental. Vejamos o que nos diz Diôgenes Laértios: *A justiça existe por natureza, e não por convenção, da mesma forma que a lei e a reta razão[...]*,<sup>13</sup> . E ainda: *Para os estóicos a melhor constituição política é a*

*mista, resultante de uma combinação de democracia, monarquia e aristocracia*<sup>14</sup>. Os estóicos compreendem que nenhuma lei escrita corresponde aos verdadeiros interesses da natureza humana, da natureza cósmica. Daí, a desarmonia reinante nas cidades. A lei, na *pólis* estóica, é de origem cósmica. Não precisa estar escrita, pois já se inscreve na *physis*, na própria natureza humana. O mundo é regido pelo cosmos, pelo divino. Assim, poder-se-á viver em plena harmonia. Portanto, nenhuma constituição oriunda da *pólis* é aceita pela *stoa*. Fica claro o descontentamento da *stoa* com as formas de governo que se constituíram na Grécia. Esse descontentamento refere-se também aos seus respectivos governantes. Observemos o que nos diz Diôgenes Laêrtios:

[...] o sábio participará da vida política, se nada o impedir, pois assim ele conterà a deficiência e propagará a excelência ... os sábios não são somente livres, mas são reis, porque reinar é uma forma de domínio isenta de prestação de contas, que pode subsistir apenas nas mãos dos sábios; ... o conhecimento do bem e do mal é um atributo necessário ao governante, e que nenhum homem mau possui essa ciência. Da mesma forma, somente os sábios estão capacitados para governar, para administrar a justiça e para praticar a oratória, enquanto dos homens maus nenhum é capaz<sup>15</sup>.

Tanto as formas de governo como os seus respectivos governantes, segundo o Pórtico, não levaram em consideração as leis naturais, as leis da *physis*. Para uma adequada forma de governo, a *stoa* aponta para um modelo eclético, no qual encontraremos a mistura dos três modelos de governo. *Para os estóicos a melhor constituição política é a mista, resultante de uma combinação de democracia, monarquia e aristocracia*<sup>16</sup>. Sobre o governante, aponta-se para aquele que está isento de sofrer de qualquer padecimento. Aponta-se para o sábio, pois o mesmo é imune às paixões. Não se afasta do seu destino. Sua *pólis* é o mundo. Suas leis são as leis do mundo. O sábio não

separa as leis do mundo do próprio mundo. *A justiça existe por natureza, e não por convenção, da mesma forma que a lei e a reta razão, [...]*<sup>17</sup>. O sábio é aquele que serve como referencial para os filósofos do Pórtico. Ele será o modelo ideal de homem. Todos devem buscar seu modelo de ser.

O cidadão da nova *pólis* mantém-se integrado com o cosmos. Isento de males, o novo cidadão contrapõe-se ao padrão do homem grego. O cidadão estóico possuirá princípios carregados de inovação. Todos devem viver em comum acordo, pois todos fazem parte da mesma *physis*, do mesmo mundo, da mesma cidade. Sendo todos iguais por natureza, serão livres num mundo onde os limites não serão mais aqueles impostos pelas antigas constituições. Sobre as instituições, Diôgenes Laêrtios comenta: *... e proibia a construção de templos, tribunais e ginásios nas cidades [...]*,<sup>18</sup>. A *physis* substitui as instituições responsáveis pelo cumprimento e constituição das leis. As leis da *cosmópolis*, da nova cidade, são as leis do cosmos. Sábido será aquele que se envolve com o todo da *physis*. Apontar para a perspectiva do sábio é apontar para a possibilidade de estar integrado à verdadeira ordem divina. É buscar a vida virtuosa.

Todos os homens podem exercer o seu virtuosismo. Todos podem ser livres. Para isso, é necessário que se dêem conta do que têm como imanente a si. Ou seja, que se apropriem de si mesmos. Vejamos:

Os estóicos dizem que o primeiro impulso do ser vivo é o da sobrevivência, que lhe foi dado desde o início pela natureza... o primeiro bem possuído por cada ser vivo é a sua própria constituição física e a consciência da mesma. Não se pode admitir logicamente que a natureza torne o ser vivo estranho a si mesmo (de outra forma ela não o teria criado), nem que o trate como um estranho, nem que não o tenha como sua criatura. Somos então compelidos a dizer que a natureza, constituindo o ser vivo, fê-lo caro a si mesmo, pois assim ele repele tudo que lhe é prejudicial, e acolhe tudo que lhe é útil e afim<sup>19</sup>.

Através do “apropriar-se a si mesmo” (*oikeiôsis*), o homem virtuoso, o sábio estóico ratifica o princípio da igualdade fundado pelo cosmos. A grande virtude é seguir a *physis*. A *physis* é racional. Esta racionalidade da *physis* é expressa na própria harmonia estabelecida pela dinâmica natural de tudo o que existe. Além disso, se entrarmos na racionalidade da *physis*, podemos nos apropriar de nós mesmos. Assim, podemos constituir a verdadeira liberdade (*eleuthería*). Adentrar a racionalidade da *physis* é adentrar o nosso destino (*heimarméne*). O nosso modo de ser é o nosso destino. [...] *o fim supremo como viver de acordo com a natureza, ou seja, viver segundo a excelência, porque a excelência é o fim para o qual a natureza nos guia*<sup>20</sup>. Descobrimo o jeito de sermos, estaremos voltados para a harmonia do cosmos e para a verdadeira dimensão do viver livre.

Embora sejamos “destinalmente” livres, é necessário um processo que nos leve a tal estado, pois estamos sujeitos a alterações em nossa própria natureza. Estas alterações podem levar-nos a um estado de não-conformidade com o nosso destino. A não-conformidade do nosso viver em relação à *physis* é chamada pelos estóicos de paixão (*phátos*). *Les passions sont en définitive des maladies de l'âme, tout comme notre organisme est exposé à contracter un rhume, de l'arthrite, etc., de même notre âme peut être malade; les maladies du corps et celles de l'âme sont des faiblesses*<sup>21</sup>. A Paixão (desmesurada) é contrária ao *lógos* e à *physis*. Ela se manifesta em nossa alma. Causa-nos impressões, certas noções. Devemos tentar distingui-las, a fim de podermos encontrar o verdadeiro conhecimento. Esse problema leva-nos para o campo dos indiferentes, para o campo da escolha moral. O campo moral situa-nos num estado conflituoso, no qual deveremos fazer uma determinada escolha, ou seja, deveremos apontar para um caminho virtuoso ou não-virtuoso. Nesse processo da escolha moral, deveremos partir de dois pontos: o da argumentação e o do conhecimento da *physis*. Porém, fica difícil, para os homens comuns, discernir pelo caminho da verdadeira argumentação e do verdadeiro conhecimento. Para isso, faz-se urgente a referência a um modelo de homem. Esse modelo é-nos apresentado pela *stoa* como o sábio (*spoudaios*).

Os estóicos dizem que o sábio é imune às paixões porque não pode cair diante delas... O sábio também é igualmente imune à soberba e à vaidade, e é também indiferente à glória e à obscuridade... Os sábios são os únicos sacerdotes porque têm idéias claras sobre os sacrifícios, sobre a construção dos templos, sobre as purificações da alma... Somente o sábio é livre, mas os estultos são servos, pois a liberdade é a faculdade de agir independentemente e a servidão é a privação dessa faculdade<sup>22</sup> .

Somente o sábio é imune às paixões. Os sábios são uma espécie de paradigma da *stoa*. Ele nunca existiu. Os homens comuns são, constantemente, perturbados por alterações na sua alma e, por isso, precisam de um auxílio para viverem em conformidade com a vida livre, a vida do sábio. Esse auxílio é proporcionado pelos filósofos estóicos. Através de uma formação centrada nas leis da *physis*, os educadores da *stoa* proporcionarão o conhecimento necessário para que os homens comuns possam realizar um julgamento verdadeiro, o qual os levará a um estado de virtuosismo. Os homens livres estarão aptos a separar, na sua alma, as alterações que podem lhes levar a um estado de virtuosismo, ou a um estado de não-conformidade com a vida virtuosa. Esse processo de escolha ocorre num clima conflituoso, pois deverá dar-se uma tomada de decisão. Essa escolha depende de nós mesmos e sustenta o potencial de sermos seres de autonomia (*exousía autopragías*). Apesar do aparente “determinismo” da filosofia estóica, o que observamos é a existência de uma dimensão libertária no seu cerne. A possibilidade que temos de escolha moral leva-nos a uma vida, a qual é definida por nós mesmos. Além disso, observamos que esta liberdade não se dá apenas num nível individual. Ela aponta também para uma preocupação com toda a natureza humana, ou seja, possui uma dimensão sociocomunitária da vida humana, na qual a justiça deve imperar. Observemos este trecho de Diôgenes Laértios:

Os sábios são inofensivos, pois não fazem mal a si mesmos nem aos outros. Eles também não são complacentes nem perdoam seja quem for, nem deixam de aplicar as penalidades impostas pela lei (a indulgência, a compaixão e a própria condescendência revelam uma alma débil ostentando uma bondade afetada em face das punições), nem as consideram muito severas [...] Tampouco o homem viverá na solidão dizem os estóicos -, pois nasceu para a vida comunitária e ativa, nem descuidará dos exercícios destinados a dar força e resistência ao corpo<sup>23</sup>.

Os estóicos procuraram abolir, de forma universal, as disparidades proporcionadas pela ruptura entre o *nomos* e a *physis*. Ruptura que fez ruir o horizonte fundante da liberdade humana. Daí, concluirmos da contribuição que os estóicos podem nos dar no atual contexto de nossa história, pois apontam para um horizonte de justiça e fraternidade.

## CONCLUSÃO

A análise da filosofia do pórtico, principalmente no que diz respeito à questão da liberdade, reportou-nos a uma concepção de mundo e de sociedades utópicas. Isso a partir de uma visão determinada da *physis*. A partir da perspectiva estóica da *physis*, inaugurou-se um processo que apontou para a igualdade entre os diversos homens, possibilitou a todos uma vida de igualdade. Todos são responsáveis pela harmonia consigo próprio e com o cosmos. Nisso, evidencia-se a responsabilidade “destinal” de uns para com os outros. Essa responsabilidade parte da tomada de consciência de que o cosmos é um todo orgânico de onde tudo flui. A *oikeiôsis* possibilita-nos fazer tal reconhecimento. É claro que algumas alterações podem, segundo a *stoa*, alterar a nossa conduta, afastando-nos do nosso destino. Daí surgir a preocupação dos filósofos estóicos com a orientação dos homens comuns. Eles procuram orientar os homens comuns, para que os mesmos possam manter-se preparados para buscarem o verdadeiro caminho: o caminho da virtuosidade.

Através da vida virtuosa, o homem estará apto a viver em conformidade com sua natureza. O homem, dessa maneira, tem plenas possibilidades de tornar-se livre, e fará isso de forma coletiva, pois, como vimos, os estóicos antigos compreendem que a liberdade não é uma atividade puramente individual, mas sobretudo permeada pela vida sociocomunitária. Daí estarmos convencidos do caráter utópico e libertário da filosofia do Pórtico. Percebemos o quanto a *stoa* pode nos ajudar a sonhar com um mundo, cujo horizonte fundante seja a solidariedade.

## **STOA AND QUESTIONS ON FREEDOM, NATURE AND EDUCATION**

**ABSTRACT** — *The freedom question has been put in the philosophy history from different perspectives in the ancient Stoicism. The freedom theme is constituted from the conception of physics of Stoa.*

**KEY WORDS:** *Freedom; City; Nature.*

## **NOTAS**

- <sup>1</sup> VERNANT, JEAN-Pierre. *As origens do pensamento grego*. Tradução de Ísis Lana Borges. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1972. p. 6.
- <sup>2</sup> ANDRADE, Rachel Gazolla de. *O ofício do filósofo – um estudo sobre o estoicismo antigo*. São Paulo, 1982. p. 9-10. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - USP, São Paulo.
- <sup>3</sup> BRUN, Jean. *LE STOÏCISME*. Paris: Presses universitaires de France, 1958. p. 29.
- <sup>4</sup> ANDRADE, Rachel Gazolla de. *O ofício do filósofo – um estudo sobre o estoicismo antigo*. São Paulo, 1982. p. 11. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - USP, São Paulo.
- <sup>5</sup> BRUN, Jean. *LE STOÏCISME*. Paris: Presses universitaires de France, 1958. p. 30-31.

- <sup>6</sup> DIÔGENES, Laêrtios. *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres*. Tradução do grego, introdução e notas Mário da Gama Kury. 2. ed. Brasília, DF: Universidade de Brasília, 1977. VII – 142-143, p. 213.
- <sup>7</sup> CORBISIER, Roland. *Introdução à filosofia*. São Paulo : Civilização Brasileira, 1983, p. 228.
- <sup>8</sup> DIÔGENES, Laêrtios. *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres*. Tradução do grego, introdução e notas Mário da Gama Kury. 2. ed. Brasília, DF: Universidade de Brasília, 1977. VII – 88, p. 201-202.
- <sup>9</sup> ANDRADE, Rachel Gazolla de. *O ofício do filósofo – um estudo sobre o estoicismo antigo*. São Paulo, 1982. p. 17. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - USP, São Paulo.
- <sup>10</sup> DIÔGENES, Laêrtios. *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres*. Tradução do grego, introdução e notas Mário da Gama Kury. 2. ed. Brasília, DF: Universidade de Brasília, 1977. VII – 89, p. 202.
- <sup>11</sup> CORBISIER, Roland. *Introdução à filosofia*. São Paulo: Civilização Brasileira, 1984. p. 234.
- <sup>12</sup> CHEVALLIER, Jean-Jacques. *História do pensamento político: da cidade-estado ao apogeu do estado-nação monárquico*. Tradução de Roberto Cortes de Lacerda. RJ: Guanabara Koogan, 1982. Tomo 1. p. 125-126.
- <sup>13</sup> DIÔGENES, Laêrtios. *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres*. Tradução do grego, introdução e notas Mário da Gama Kury. 2. ed. Brasília: Universidade de Brasília, 1977. VII – 128, p. 210.
- <sup>14</sup> Ibid., VII – 131, p.211.
- <sup>15</sup> Ibid., VII – 121-122, p. 209.
- <sup>16</sup> Ibid., VII – 131, p. 211.
- <sup>17</sup> Ibid., VII – 128, p. 210.
- <sup>18</sup> Ibid., VII – 33, p. 189.
- <sup>19</sup> Ibid., VII – 85, p. 201.
- <sup>20</sup> Ibid., VII – 87, p. 201.
- <sup>21</sup> BRUN, Jean. *LE STOÏCISME*. Paris: Presses universitaires de France, 1958. p. 103-104.
- <sup>22</sup> DIÔGENES, Laêrtios. *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres*. Tradução do grego, introdução e notas Mário da Gama Kury. 2. ed.

Brasília, DF: Universidade de Brasília, 1977. VII – 117, 119, 120, p. 208-209.

<sup>23</sup> Ibid., VII – 123, p. 209.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, Rachel Gazolla de. **Espaço e Tempo**. 1995. (Coleção CLE, 15).

\_\_\_\_\_. **O Ofício do filósofo - um estudo sobre o estoicismo antigo**. 1982. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – USP, São Paulo.

ANDRADE, Rachel Gazolla de. A Paixão segundo os estóicos. **Revista de Cultura** Vozes, Petrópolis, n. 6, p. 61-68, nov./dez., 1994.

BOERI, Marcelo D. El problema de la libertad y el estoicismo antigo. **Revista Hypnos**. São Paulo, n.3, p.159-167, 1997.

BRÉHIER, Émile. **História da filosofia**. Tradução de Eduardo Sucupira Filho. São Paulo: Mestre Jou, 1978.

BRUN, Jean. **Le stoicisme**. Paris: Presses universitaires de France, 1958.

CORBISIER, Roland. **Introdução à filosofia**. São Paulo: Civilização Brasileira, 1984.

DIÔGENES, Laêrtios. **Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres**. Tradução do grego, introdução e notas Mário da Gama Kury. 2 ed. Brasília, DF: Universidade de Brasília, 1977.

VERNANT, JEAN-Pierre. **As origens do pensamento grego**. Tradução de Ísis Lana Borges. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1972.